

Uma investigação sobre a aquisição de estrutura argumental dos predicados psicológicos

An investigation on the acquisition of psych predicates argument structure

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília – Brasília – Goiás – Brasil

Beatriz Patriota Carneiro

Universidade de Brasília – Brasília – Goiás – Brasil



Resumo: Neste artigo, apresentamos resultados de pesquisa de campo com foco na aquisição de verbos psicológicos, empreendida com 30 sujeitos de 4 a 7 anos, e 30 sujeitos de 9 a 10 anos. O intuito é investigar a questão teórica conhecida como “problema de mapeamento dos verbos psicológicos”, que consiste na possibilidade de inversão sintática de papéis temáticos em pares de verbos de significado “reversível” como *temer* e *assustar*. Buscamos testar a hipótese de que o problema de mapeamento dos verbos psicológicos tem implicações para o processo de aquisição da linguagem e que verbos psicológicos são mais difíceis de adquirir do que verbos de ação. Pressupomos haver uma propensão inata para o mapeamento de argumentos com base em traços semânticos, organizados hierarquicamente, e defendemos que o papel temático de Experienciador é preferido para posição de sujeito, quando em contraposição a um papel temático menos agentivo e menos volitivo, como o Tema.

Palavras-chave: Mapeamento de papéis temáticos; Aquisição de verbos psicológicos; Hierarquia de papéis temáticos

Abstract: In this paper, we present the results of a research on the acquisition of psych verbs, in which participated thirty 4-7 year old children and thirty 9-10 year old children. The aim is to investigate the mapping problem of psych verbs – the possibility to map the thematic roles with verbs of reversible meaning such as *fear* and *frighten* into different syntactic positions. We intend to demonstrate that the mapping problem of psych verbs has implications to language acquisition process and that psych verbs are harder to acquire than action verbs. We also assume an innate predisposition to the linking of arguments to syntactic positions based on a hierarchy of semantic features, and we defend that the thematic role of Experiencer is preferred to the subject position, if compared to the Theme, a thematic role that expresses less volition, intentionality and agency.

Keywords: Linking rules; Psych verbs acquisition; Thematic roles hierarchy

1 Verbos psicológicos, mapeamento de estrutura argumental e aquisição

Este trabalho toma como objeto de estudo os predicados psicológicos, ou predicados de Experienciador, os quais formam uma classe caracterizada semanticamente pela propriedade de denotar algum tipo de percepção ou atividade mental, ou ainda algum tipo de sentimento ou emoção, ou seja, de descrever estados da mente ou mudanças nos estados da mente (LEVIN, 1993). Essa caracterização engloba um conjunto relativamente heterogêneo de verbos, entre os quais encontramos tanto

os chamados verbos de percepção (como *sentir*, *ouvir*, *ver*) e de cognição (como *discernir*, *observar*, *reconhecer*) quanto os de emoção/sentimento (como *admirar*, *temer*, *acalmar*, *aborrecer*, *divertir*).¹ Neste trabalho, trataremos especificamente dos predicados psicológicos que expressam emoção/sentimento.

Esses predicados são descritos como sendo diádicos, isto é, selecionam dois argumentos, sendo que um deles recebe obrigatoriamente o papel temático de

¹ Essa divisão de três tipos semânticos distintos de predicados psicológicos – verbos de percepção, de cognição e de emoção/sentimento – é atribuída a Croft (1993).

Experienciador – indivíduo afetado pela experiência mental ou emocional descrita pelo verbo, que pode ser mapeado como sujeito da sentença (cf. (1a)) ou objeto da sentença (cf. (1b)):²

- (1) a. O menino teme o cachorro.
b. O cachorro assusta o menino.

Quanto ao papel temático atribuído pelo verbo ao outro argumento (não-Experienciador), as propostas diferem: alguns autores acreditam que seja o de Tema (BELLETTI; RIZZI, 1988, 1992; GRIMSHAW, 1990); outros o definem como Estímulo (TALMY, 1985); outros, ainda, como Causador, no caso de ser o sujeito, e Objeto da Emoção, no caso de ser o objeto (PESETSKY, 1995).³ Os diferentes papéis atribuídos à grade temática dos predicados psicológicos se devem a diferentes tipos de análises realizadas por vários pesquisadores sobre esse objeto de estudo, algumas propondo um tratamento sintático desses predicados, outras preferindo tratar o problema com base num refinamento semântico da estrutura temática dos verbos psicológicos. Todos os pesquisadores, entretanto, tomam como ponto de partida a grade temática <Experienciador, Tema>. É isso também o que faremos neste trabalho, quando nos referirmos aos argumentos dos predicados psicológicos.

Os dados em (1) nos permitem intuir que a classe dos predicados psicológicos não é homogênea em termos do seu comportamento sintático. Ao contrário, constitui-se de duas subclasses segundo o critério da posição sintática do argumento Experienciador:

- (i) os predicados que atribuem o papel temático de Experienciador ao argumento na posição de sujeito, que contempla verbos como *temer*, *admirar*, *apreciar*, *desfrutar*, *favorecer*, *odiar*, *amar* (cf. (1a)), aos quais chamaremos verbos *TEMER*;
- (ii) os predicados que atribuem o papel temático de Experienciador ao argumento na posição de objeto, como *preocupar*, *assombrar*, *agradar*, *divertir*, *irritar*, *aborrecer*, *surpreender*, *assustar* (cf. (1b)), aos quais chamaremos verbos *ASSUSTAR*.⁴

Essa característica peculiar dos predicados psicológicos, de atribuírem o papel temático de Experienciador ora ao argumento na posição de sujeito ora ao argumento na posição de objeto nas construções transitivas, suscita o

problema de mapeamento das relações temáticas do léxico para a estrutura sintática. Esse problema, por sua vez, tem dois desdobramentos empíricos específicos e instigantes do ponto de vista de aquisição de língua:

- (i) verbos que possuem aparentemente os mesmos componentes de significado e os mesmos argumentos mapeiam diferentemente os seus argumentos na sintaxe;
- (ii) um mesmo verbo pode mapear diferentemente os seus argumentos na sintaxe (fenômeno conhecido na literatura como alternância verbal ou sintática e, no caso dos predicados psicológicos, restrito aos verbos *ASSUSTAR*).

Quanto ao primeiro desdobramento, verificamos que, em muitos casos, um mesmo evento psicológico pode ser descrito em orações tanto por verbos *TEMER* quanto por verbos *ASSUSTAR*, expressando ideias muito similares (LEVIN, 1987; BAKER, 1988b). Em outras palavras, parte dos verbos *TEMER* parece ter correspondentes de significado entre os verbos *ASSUSTAR*. Verbos com essas propriedades apresentam aparentemente a mesma grade argumental, mas mapeiam os argumentos em diferentes posições sintáticas, conforme (1) acima e (2) a seguir:

- (2) a. João aprecia música clássica.
<Experienciador, Tema>
b. Música clássica agrada João.
<Tema, Experienciador>

Consoante Reinhart (2000), não há evidências, nesses casos, para postular que as estruturas (2a) e (2b) estejam relacionadas derivacionalmente, visto que *apreciar* e *agradar* constituem raízes verbais diferentes, devendo ser tratados como dois itens lexicais distintos. Embora concordemos com Reinhart de que se trata de itens distintos, consideramos que o problema de aquisição se mantém, uma vez que, para uma mesma classe de predicados – a dos psicológicos –, o falante deverá reconhecer duas estruturas sintáticas distintas, uma com o Experienciador na posição de sujeito e outra com o Experienciador na posição de objeto.

O segundo desdobramento decorrente do problema de mapeamento dos argumentos na estrutura sintática, a saber, o de um mesmo verbo poder mapear diferentemente os seus argumentos na sintaxe, é instigante principalmente pelo fato de que esse fenômeno de alternância de configuração sintática só pode ser observado em uma das duas subclasses de predicados psicológicos – a de *ASSUSTAR*. Nesse caso, a alternância de configuração sintática envolve uma estrutura transitiva simples, com um argumento na posição de sujeito e o Experienciador na posição de objeto, e uma estrutura com sintagma preposicional, em que o Experienciador aparece na

² Estamos considerando aqui apenas a estrutura transitiva desses verbos.

³ Utilizaremos iniciais maiúsculas para nos referirmos aos diferentes rótulos atribuídos aos papéis temáticos.

⁴ A indicação dos verbos *TEMER* e *ASSUSTAR* em caixa alta neste artigo representa, portanto, as subclasses de verbos psicológicos que serão objeto do estudo.

posição de sujeito, como exemplificado em (3a) e (3b), respectivamente:

- (3) a. O cachorro assusta o menino.
b. O menino se assusta com o cachorro.

Ao contrário dos verbos *ASSUSTAR*, os verbos *TEMER* só projetam uma estrutura transitiva, com o Experienciador na posição de sujeito, como observamos pela agramaticalidade de (4b):

- (4) a. O menino teme o cachorro.
b. *O cachorro se teme com o menino.

Esse problema está diretamente relacionado à aquisição da língua pelos falantes: considerando-se que o papel da experiência seja apenas o de ativar a interação entre os fatos linguísticos e os princípios da gramática universal, a questão é como se dá a aquisição dos predicados alternantes, uma vez que o mesmo item lexical projeta os seus argumentos em mais de uma posição sintática possível.

A questão que se coloca com relação ao problema do mapeamento dos argumentos dos predicados psicológicos em termos da aquisição de língua, tomando como referencial teórico a hipótese da existência de uma gramática universal, é que a criança não aprende as relações temáticas para cada item do léxico, devendo, antes, haver princípios que norteiam esse processo e tornam automática a aquisição das grades temáticas pelos falantes. Dado isso, o problema é conciliar o fato empírico da alternância de configuração sintática com o fato teórico de que os falantes não adquirem a grade temática dos itens lexicais caso por caso.⁵

O objetivo deste trabalho é investigar a aquisição da estrutura argumental de predicados psicológicos, tendo em vista que o problema empírico demonstrado acima não tem sido relatado como um problema de aquisição em pesquisas publicadas por Bowerman (1990) e DiDesidero (1999): Bowerman (1990) relata que os verbos psicológicos começaram a ser usados junto aos demais verbos, como os de relação Agente-Paciente, e com a mesma acuidade desses últimos, no discurso infantil de suas filhas; DiDesidero (1999), também com base em dados naturalísticos, sugere que crianças adquirem o significado de um verbo psicológico como o de uma ação – e não como um sentimento (*amar* seria algo como “abraçar” e não “nutrir um bom sentimento por alguém”). Apesar disso, Tinker et al. (1989) observam que crianças invertem os papéis temáticos de verbos psicológicos, como nos dados em (5), e mesmo Bowerman (1990) relata casos de inversão de papéis temáticos com esses verbos, como no exemplo em (6):

- (5) Bugs feared Gumby.
[em lugar de *Gumby feared Bugs*]
(6) How does Hurly Girl fancy you?
[em vez de *How do you fancy Hurly Girl?*]

Consideramos que, se as crianças fazem essas inversões mais, ou apenas, com predicados psicológicos, isso pode significar que o mapeamento desses verbos seja de alguma forma excepcional, tal como descrito na teoria.

2 Descrição das atividades e hipóteses

A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília (cf. Relatório 03/08, de 28 de setembro de 2010), foi realizada em três escolas do Distrito Federal, com um grupo de 30 crianças com idade de 4 a 7 anos, matriculadas na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e um grupo de 30 crianças de 9 a 10 anos, matriculadas no quinto ano do Ensino Fundamental.⁶

As crianças participaram de três atividades, com duração aproximada de 6 a 11 minutos. Nas atividades, as crianças responderam perguntas sobre ilustrações com os personagens da Turma da Mônica, que foram escolhidas pela boa receptividade que tiveram entre as crianças e por conterem expressões faciais que transmitiram mais o significado dos verbos do que nossas tentativas com fantoches, desenhos próprios e contação de histórias.⁷ As ilustrações foram impressas no formato *power point* (folhetos; 1 slide por folha) e tinham tamanho aproximado de 12 cm de comprimento e 14 cm de largura.

Todas as perguntas pretenderam observar a preferência por papéis temáticos da grade argumental do verbo e em todas as atividades as crianças passaram por uma fase de aquecimento para a tarefa, com perguntas e verbos do tipo da fase teste. A fase de aquecimento podia durar o tempo necessário para que a criança entendesse o que lhe estava sendo pedido.

⁵ Hipóteses teóricas como a UTAH – *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* (BAKER, 1988b) e a UAH – *Universal Alignment Hypothesis* (PERLMUTTER; POSTAL, 1984) foram formuladas com base na ideia de que seria a gramática universal a responsável pelo mapeamento dos argumentos na sintaxe. Hipóteses como essas são interessantes do ponto de vista da aquisição de língua, mas têm pouco poder explicativo, pois é preciso determinar que princípios da gramática são responsáveis por esse mapeamento ou que propriedades semânticas (traços) dos verbos ou dos grupos de verbos são responsáveis por esse mapeamento e de que forma essas propriedades agem no sentido de determinar as posições funcionais dos argumentos na sintaxe. Para uma proposta de mapeamento dos predicados psicológicos, V. Naves (2005), entre outros.

⁶ Para mais informações, V. Carneiro (2011).

⁷ Todas as figuras foram extraídas da revista *Turma da Mônica: folclore brasileiro*, Maurício de Sousa Produções Ltda., Barueri, SP: Girassol, 2009. Os direitos autorais das figuras pertencem à Maurício de Sousa Produções Ltda., que autorizou a utilização das figuras na dissertação porque nossa pesquisa não tinha fins lucrativos, era acadêmica, e não era sobre as figuras e sim sobre os verbos.

A atividade 1 consistiu em que a criança deveria responder a quatro perguntas na fase de aquecimento e doze perguntas na fase teste. Era esperado que as sentenças produzidas como resposta apresentassem o mapeamento adequado dos argumentos na sintaxe, de acordo com as ilustrações. As perguntas dessa atividade foram do tipo “Quem verbo quem?”, o mesmo utilizado por Tinker et al. (1989, p. 257), que chamaram essa atividade de tarefa de resolução pronominal. Foram feitas quatro perguntas com verbos de ação, quatro com verbos psicológicos *TEMER* e quatro com verbos psicológicos *ASSUSTAR*.

Tabela 1 – Perguntas da atividade 1

Verbos Psicológicos		Verbos de Ação
TEMER	ASSUSTAR	
Quem ama quem?	Quem preocupa quem?	Quem persegue quem?
Quem admira quem?	Quem assusta quem?	Quem empurra quem?
Quem detesta quem?	Quem irrita quem?	Quem puxa quem?
Quem respeita quem?	Quem encanta quem?	Quem machuca quem?

A atividade 2 consistiu em que as crianças deveriam selecionar, dentre duas imagens dispostas verticalmente, uma acima da outra, em uma folha de papel A4, aquela que ilustrasse adequadamente os papéis temáticos na sentença proferida pela pesquisadora, com o verbo *temer*. As sentenças proferidas eram do tipo “A Mônica teme o rato”. Uma figura continha uma ilustração com a resposta alvo (“A Mônica teme o rato”) e outra continha a ilustração com a resposta inversa, em termos do mapeamento dos papéis temáticos (“O rato teme a Mônica”). Duas sentenças foram proferidas na fase de aquecimento e três

na fase teste. O objetivo dessa atividade era verificar em que medida as crianças compreendiam o significado do item lexical *temer*.

Tabela 2 – Sentenças da atividade 2

O monstro teme o Chico.
O índio teme a onça.
A Mônica teme o rato.
O sapo teme a onça.
O rato teme o Cascão.

A atividade 3 consistiu em que a criança teria de responder a perguntas do tipo “Quem verbo?”, utilizando apenas o argumento mapeado como sujeito na estrutura transitiva. Foram feitas quatro perguntas na fase de aquecimento e doze perguntas na fase teste, utilizando-se as mesmas figuras e os mesmos verbos da atividade 1.

Tabela 3 – Perguntas da atividade 3

Verbos Psicológicos		Verbos de Ação
TEMER	ASSUSTAR	
Quem ama quem?	Quem preocupa quem?	Quem persegue quem?
Quem admira quem?	Quem assusta quem?	Quem empurra quem?
Quem detesta quem?	Quem irrita quem?	Quem puxa quem?
Quem respeita quem?	Quem encanta quem?	Quem machuca quem?

O quadro abaixo exemplifica cada uma das três atividades:

Quadro 1 – Exemplos das atividades desenvolvidas

<p>Atividade 1: resolução pronominal</p> <p>A pesquisadora pergunta: Quem assusta quem?</p>  <p>Maurício de Souza®</p>	<p>Atividade 2: seleção de imagem</p> <p>A pesquisadora diz: A Mônica teme o rato</p>  <p>Maurício de Souza®</p>	<p>Atividade 3: produção eliciada por pergunta QU</p> <p>A pesquisadora pergunta: Quem assusta?</p>  <p>Maurício de Souza®</p>
<p>Resposta esperada: A Mônica assusta os meninos</p>	 <p>Resposta esperada: A de baixo</p>	<p>Resposta esperada: A Mônica</p>

Pressupondo haver uma hierarquia temática entre os traços semânticos que compõem os papéis temáticos de Agente, Experienciador, Tema e Paciente, e considerando que papéis temáticos mais altos na hierarquia, tais como Agente e Experienciador, têm preferência cognitiva para a posição de sujeito sintático do que papéis temáticos mais baixos, como Tema e Paciente, buscamos investigar as seguintes hipóteses:

- (i) Na atividade 1, as crianças de 4 a 7 anos deveriam acertar mais as respostas às perguntas contendo verbos de ação do que às perguntas contendo verbos psicológicos e que as crianças de 9 a 10 anos acertariam tudo. Dentre os psicológicos, era esperado que as crianças de 4 a 7 anos errassem mais os verbos *ASSUSTAR* (porque o Experienciador, que é mais alto na hierarquia, deve ser mapeado em uma posição sintática mais baixa) e acertassem mais os verbos *TEMER* (em que o mapeamento corresponde à hierarquia temática), e que as crianças grandes acertassem tudo.
- (ii) Na atividade 2, as crianças de 4 a 7 anos entendem o item lexical *temer* como *assustar*, ou seja, com interpretação reversa, assim como descrito no experimento de Tinker et al. (1989), o que não era esperado para as crianças de 9 a 10 anos.
- (iii) Na atividade 3, as crianças de 4 a 7 anos deveriam responder mais com o Experienciador do que com o Tema, nos casos de verbos psicológicos, e mais com o Agente do que com o Paciente, nos casos de verbos de ação. E as crianças de 9 a 10 anos deveriam acertar tudo.

3 Resultados e discussão

Considerando *erro* as respostas divergentes do mapeamento da grade argumental esperada e respostas que demoraram mais de 10 segundos, submetemos as tabelas em ANOVA (2 x 1-1), e obtivemos os resultados que passamos a relatar nas seções a seguir.

3.1 Comparação entre verbos psicológicos e verbos de ação

Os dados apontaram que, enquanto as crianças de 4 a 7 anos, na atividade 1, acertaram a relação temática denotada por um verbo de ação em 98% das vezes (118 acertos), o percentual de acerto da relação temática denotada por um verbo psicológico foi menor: somente 75% das vezes (90 acertos) com verbos *TEMER* e 81% das vezes (97 acertos) com verbos *ASSUSTAR*.

A média de acertos foi de 3,00 para *TEMER*; 3,32 para *ASSUSTAR*; e 3,93 para verbos de ação. A média dos três tipos de verbo foi de 3,4. Esse contraste entre as médias de acertos pelas crianças de 4 a 7 anos evidenciou que os verbos psicológicos foram menos acertados do que os verbos de ação a uma significância de 0,0001. Comparando verbos *TEMER* com verbos de ação, obtivemos: $t(29) = 5,89$ $p < 0,0001$, e comparando verbos *ASSUSTAR* com verbos de ação, obtivemos: $t(29) = 5,89$ $p < 0,0001$. Na comparação entre grupos de idade e tipos de verbo, obtivemos os seguintes resultados: idade $F(1,58) = 60,4$ $p < 0,000001$; verbo $F(2,116) = 22,1$ $p < 0,000001$; e idade*verbo $F(2,116) = 17,4$ $p < 0,000001$.

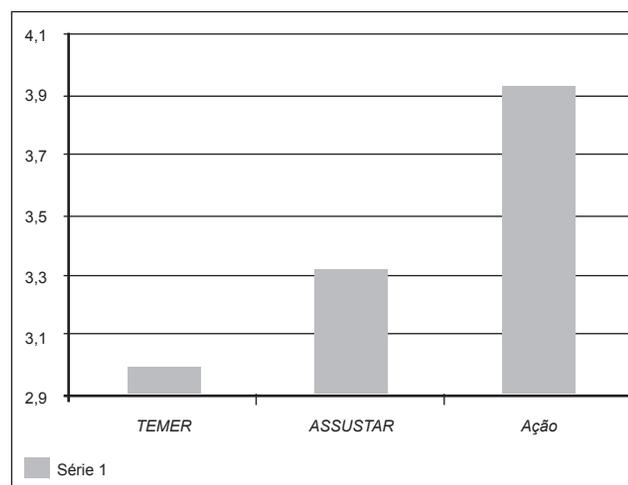


Gráfico 1 – Média de acertos por tipo de verbo na atividade 1 (crianças de 4 a 7 anos)

3.2 Comparação entre verbos *TEMER* e verbos *ASSUSTAR*

As crianças de 9 a 10 anos, na atividade 1, produziram o mapeamento esperado (com o Experienciador na posição de sujeito) em 99% das vezes com os verbos *TEMER* (119 acertos), mas, com verbos *ASSUSTAR* (em que o Experienciador deve ser mapeado em posição de objeto), o mapeamento adequado apareceu em apenas 88% das vezes (106 acertos).

As médias de acerto, na atividade 1, para esse grupo de crianças foram: 3,97 para *TEMER*; 3,53 para *ASSUSTAR*; e 4,00 para verbos de ação. E a média geral dos três tipos de verbo foi de 3,8. Esse contraste de médias evidenciou que o desempenho com relação aos verbos *ASSUSTAR* foi pior do que com relação aos verbos *TEMER*, com significância de 0,0007: $t(29) = 3,79$ $p < 0,0007$.

Na comparação entre grupos de idade e tipos de verbos, obtivemos os seguintes resultados: idade $F(1,58) = 44,7$ $p < 0,000001$; verbo $F(2,116) = 33,7$ $p < 0,000001$; idade*verbo $F(2,116) = 11,8$ $p < 0,000022$.

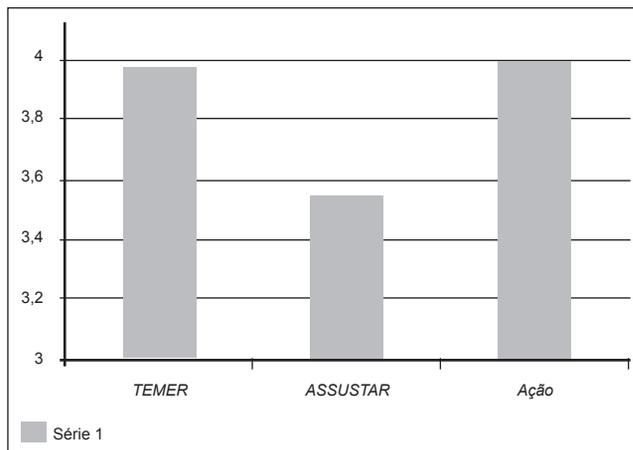


Gráfico 2 – Média de acertos por tipo de verbo na atividade 1 (crianças de 9 a 10 anos).

3.3 Comparação entre a preferência por Experienciador ou Tema

Os dados também apontam que, na atividade 3, em 99% das vezes (119 respostas), as crianças de 9 a 10 anos preferem responder com o Experienciador (sujeito) às perguntas com verbos *TEMER*. Já com verbos *ASSUSTAR*, a preferência das crianças de 9 a 10 anos, em 80% das vezes (96 respostas), foi por responder com o Tema (sujeito).

A média de acertos na atividade 3, com crianças de 9 a 10 anos, foi de: 3,93 com verbos *TEMER*; 3,20 com verbos *ASSUSTAR*; e 3,97 com verbos de ação. A média de acertos dos três tipos de verbo foi de 3,7: $t(29) = 4,10$ $p < 0,0003$.

Comparando grupos de idade e tipos de verbos, obtivemos os seguintes resultados: idade $F(1,58) = 2,66$ $p < 0,108181$; verbo/papel temático $F(2,116) = 21,3$ $p < 0,000001$; idade*verbo/papel temático $F(2,116) = 4,24$ $p < 0,016666$.

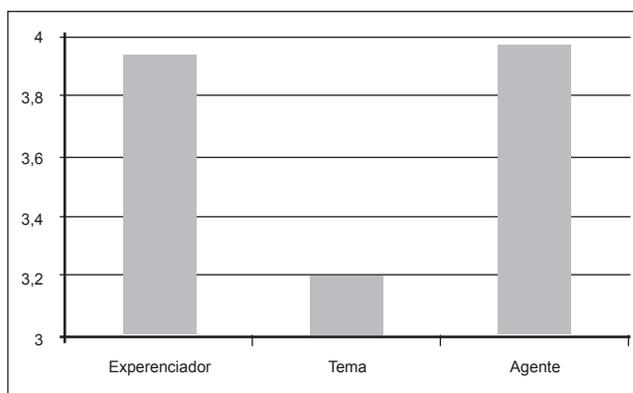


Gráfico 3 – Média de acertos por tipo de verbo na atividade 3 (crianças de 9 a 10 anos)

3.4 Compreensão do significado do item lexical *temer*

Os dados indicaram que, podendo optar entre *temer* (acerto) ou *assustar* (erro), as crianças de 4 a 7 anos tenderam ao erro, num teste binomial, $p < 0,0001$. Foram 22 acertos de *temer* na atividade 2, em 90 tentativas.

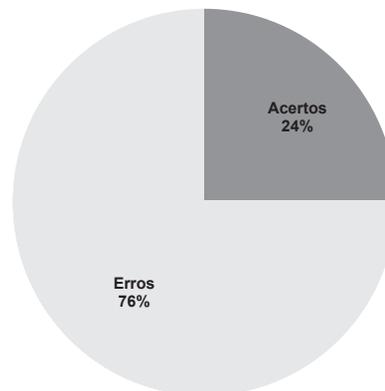


Gráfico 4 – Percentual de acertos na atividade 2 (crianças de 4 a 7 anos)

Conclusão

Como pudemos observar, somente a hipótese quanto ao melhor desempenho das crianças de 4 a 7 anos com verbos de ação do que com verbos psicológicos e a hipótese de que crianças dessa idade entendem *temer* como *assustar* (como relatado em Tinker et al. (1989)) foram confirmadas. Os resultados contrastivos apontados com as crianças de 9 a 10 anos podem sugerir que seja necessário submeter adultos ou adolescentes a essas atividades, para uma obter uma comparação com um grupo “controle”.

Cabe-nos comentar que, na atividade 3, o Agente foi preferido em posição de sujeito quando o verbo era de ação (98% das vezes para crianças de 4 a 7 anos e 99% das vezes para crianças de 9 a 10 anos). Esse fato também indica uma preferência cognitiva (quase categórica) por mapear o Agente na função sintática de sujeito.

Consideramos que, apesar do caráter inicial da pesquisa, o desempenho das crianças nessas atividades contém resultados interessantes que podem indicar que verbos psicológicos são de mais difícil aquisição e que há preferência pelo mapeamento do papel temático de Experienciador ns posição sintática de sujeito, em contraposição ao Tema (que denota menos volição, intenção e agentividade).

O embasamento teórico desta pesquisa foi a teoria linguística de cunho gerativista e a metodologia

empreendida nas observações de campo não seguiu padrões estritos de metodologia experimental. No entanto, consideramos que alguns dos resultados sugerem pontos de interesse teórico, a serem investigados de forma mais controlada em trabalhos futuros, com vistas a verificar se: (i) há maior dificuldade de compreensão de verbos psicológicos do que de verbos de ação; (ii) há maior dificuldade de compreensão de verbos *Assustar* do que de verbos *Temer*, sobretudo quando o sujeito é não agentivo; (iii) há preferência pelo Experienciador em detrimento do Tema; (iv) crianças pequenas entendem o item lexical *temer* como *assustar*.

Referências

- BAKER, Mark. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988a.
- BAKER, Mark. *On the theta roles of psych verbs*. ms. Montreal: McGill University, 1988b.
- BELLETTI, Adriana; RIZZI Luigi. Psych verbs and theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 6, p. 291-352, 1988.
- BELLETTI, Adriana; RIZZI Luigi. Notes on psych-verbs, θ -theory and binding. In: FREIDIN, R. (Org.). *Principles and parameters in comparative grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1992.
- BOWERMAN, Melissa. Mapping thematic roles onto syntactic functions: Are children helped by innate linking rules? *Linguistics*, n. 28, p. 1253-1289, 1990.
- CARNEIRO, Beatriz P. Uma investigação sobre mapeamento de argumentos e aquisição de verbos psicológicos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Netherlands: Foris Publications, 1981.
- DIDESIDERO, Linda Barbara. *Psych verbs: acquisition, lexical semantics, and event structure*. Tese (Doutorado) – Northwestern University, Northwestern, 1999.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- LEVIN, Beth. *Psych Verbs: Further Dilemmas*. ms. Evanston, Illinois: Northwestern University, 1987.
- LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- PESETSKY, David. *Zero syntax: experiences and cascades*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- NAVES, Rozana Reigota. *Alternâncias sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- REINHART, T. The theta system: syntactic realization of verbal concepts. *OTS working papers in linguistics* (00,01/TL), 2000.
- TALMY, L. 1985. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description III: grammatical categories and the lexicon*. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- TINKER, Erin; BECKWITH, Richard; DOUGHERTY, Ray. Markedness and the acquisition of psych verbs. *Proceedings of the Eastern States Conference on Linguistics*, 1989. p.252-263.

Recebido: 31 de agosto de 2011

Aprovado: 28 de dezembro de 2011

Contato: rnaves@unb.br; beatrizcarneiro@hotmail.com